

STÉPHANE MALYSSE

# Do corpo no ar ao fogo do corpo: Opus Corpus

**STÉPHANE MALYSSE**

é antropólogo visual,  
artista multimeios  
e professor de Artes  
e Antropologia na USP  
Leste.

Este artigo é uma reflexão/apresentação sobre o trabalho de pós-doutorado do autor, realizado sob a forma do website Opus Corpus (<http://opuscorpus.incubadora.fapesp.br>), no Departamento de Mídias do Instituto de Artes da Unicamp.

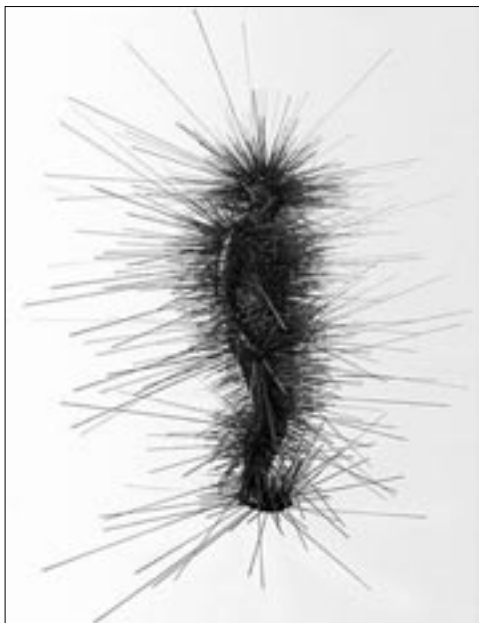


**O**pus: orifícios corporais abertos aos corpos conectados para que eles penetrem um corpo humano bem vivido. Entrando no Opus Corpus aparece o Mundus Corpus, o mundo visto como a multidão dos tópicos do corpo, como a proliferação das representações antropológicas do corpo.

**Corpus: corpus multimeios de Antropologia das Aparências Corporais, Opus Corpus visita, um após o outro, todas as regiões e países do corpo. Abrindo novos caminhos, Opus Corpus é uma observação clínica dos estados visuais e culturais do corpo, uma navegação em textos, sons e imagens, dentro desse misterioso órgão dos possíveis.**

## CORPO NO AR

“Meio da luz, do perfume e da cor, o ar simboliza sempre a vida invisível, chamando as vozes interiores da espiritualidade. Ativo e masculino como o fogo, invisível e transitório como a água, o ar é o elemento que tempera o fogo interno do corpo e que provoca, aos indivíduos de temperamento sangüíneo, sonhos de vôo de passarinhos, de corridas, de festim e de todas as coisas que temos medo de nomeAr.”



*Anthony Gormley, Feeling  
Material, 2005*

“As asas são, acima de tudo, símbolos de vôo, de alívio, de desmaterialização e de liberação – seja da alma ou do espírito – de passagem ao corpo sutil, volátil!” (Gaston Bachelard).



*Charles Estienne, Fogo do Corpo,  
Paris, 1546*

## FOGO DO CORPO

“Da mesma maneira que o mundo tem o seu fogo central, o corpo humano tem o seu princípio de calor nas partes genitais, fontes de vida. O desejo faz parte do corpo que tende a temperar o seu calor interno pelo ar frio da respiração. Assim, para quem sonha com fogo, incêndios, guerras e destruição, um corpo humano aparece, quando se acende a centelha do vivo, quando pega este fogo interno que nunca parará de queimar até se consumir.”



*Louise Bourgeois, sem título, 1999*

“O amor é a primeira hipótese científica para explicar a reprodução objetiva do fogo e, antes de ser o filho da madeira, o fogo é o filho do homem” (Gaston Bachelard).



*Louise Bourgeois, sem título, 1986*

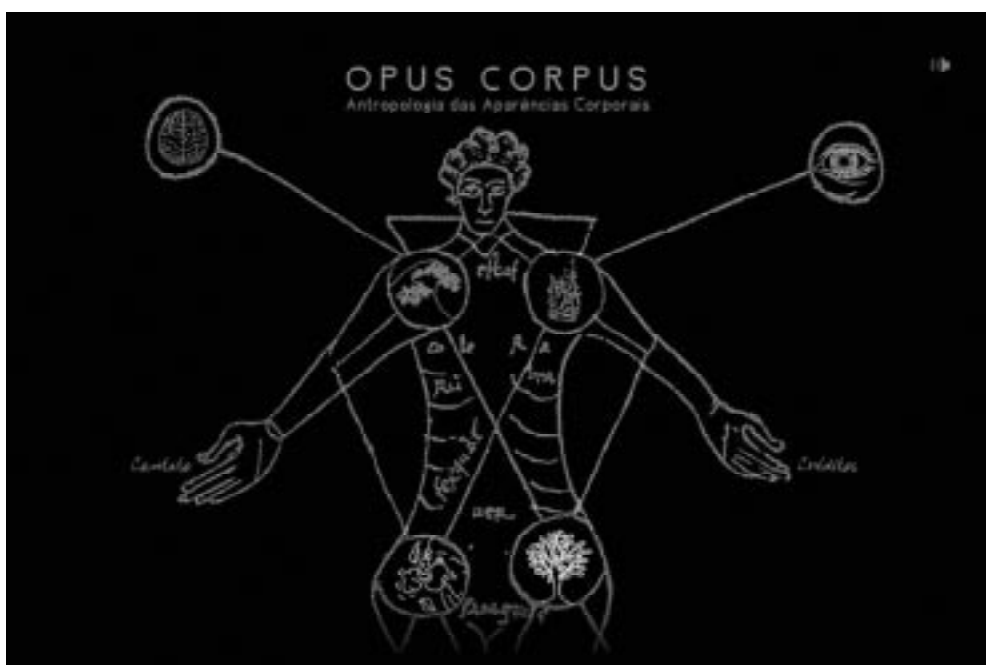


Pensando sobre o corpo, pode-se imaginar as roupas que o escondem e o esculpem, as doenças que o maltratam e o condenam, as emoções e as sensações que dele transbordam e o transcendem, as fotografias, as obras de arte e os filmes que o colocam em cena. Quem pretende pesquisar as aparências corporais de maneira sistemática encontra-se logo numa situação de grande embaraço: a proliferação dos discursos, das imagens, a multiplicidade das aparências, das roupas, das poses, dos gestos, das técnicas de trabalho braçal ou de cuidado com a saúde e a beleza colocam o pesquisador num jogo de espelhos. Onipresente no campo das artes e das ciências, o corpo aparece fragmentado pelo conhecimento. Atualmente, a fronteira que separa o corpo da sua própria imagem prejudica a apreensão das realidades corporais, pois as divisões disciplinares não ajudam a entender a importância do olhar na reunificação do saber sobre o corpo.

Reagindo contra essa fragmentação da noção de corpo, minha pesquisa procura reunir referências sobre os enigmas do corpo ao experimentar os multimeios como instrumentos de ligação entre as diversas ciências e artes do corpo, reconstruindo o espelho fragmentado do corpo. Segundo David Le Breton (1990), “a primeira quali-

dade necessária ao pesquisador interessado nos sentidos do corpo é a sua faculdade de espanto”. Portanto, a questão central que desencadeou a elaboração deste vasto projeto é: em que medida a representação do corpo em imagens pode suscitar espanto e proporcionar mais respostas ao pesquisador do que um ensaio teórico? Stela Senra (2000, p. 6) responde a essa questão de forma indireta ao explicar que “a informática operou uma mudança de escala que transformou a imagem em informação, abrindo novas perspectivas para a ciência e desvendando uma visão do corpo e da pele que se estendeu ao campo da arte”.

Nesse sentido, os multimeios são uma possibilidade de quebrar os quadros disciplinares que limitam tradicionalmente o pensamento sobre o corpo. Estimulando o diálogo interdisciplinar e a criação de ciências diagonais e transdisciplinares, os multimeios suscitam curiosidade e exercitam a faculdade do espanto na interatividade do navegador com o conhecimento. A escrita hipertextual constitui-se da relação entre texto, som e imagem, portanto, na tela do computador o acesso ao conhecimento transita pela interpretação do que é visto, do que é lido e pela forma de navegação escolhida.



O objetivo do *website* Opus Corpus é guiar o usuário por caminhos metodológicos e epistemológicos apresentando as disciplinas e os saberes do corpo de forma organizada e temática. Assim, o navegador alcança as informações que procura deslizar por “pistas corporais”, que lhe proporcionam novas conexões de idéias. Para pensar a arquitetura geral desse *site*, a influência de Gaston Bachelard foi decisiva, pois, tal como construiu a sua obra filosófica, o *site* está dividido em quatro corpos, dois homens e duas mulheres, que representam os quatros elementos:

“Propomos de marcar os diferentes tipos de imaginação do corpo humano pelo signo dos elementos materiais que inspiraram as filosofias tradicionais e as cosmologias antigas. Cremos que seja possível fixar, no reino dos imaginários do corpo, uma lei de quatro elementos que classifica as

diversas imaginações materiais onde elas se associam ao fogo, ao ar, à água e à terra” (Gaston Bachelard, 1942).

O *website* é de fato, um banco de conhecimentos sobre o corpo humano organizado em quatro partes, quatro corpos simbolizando os quatros elementos. Os bancos de conhecimentos são um conjunto organizado de dados informativos cuja codificação simbólica é geralmente mais rica do que os chamados “bancos de dados”, pois nos bancos de conhecimentos imagens e textos são interligados pelo sentido. Portanto, a escrita hipertextual exige uma economia de signos (escrita, imagem e sons) e uma reflexão sobre os modos de interpretação, que organizam sua economia semiológica. Essa escrita “mascarada” é um convite feito ao navegador para desvendar as interfaces do conhecimento ou as zonas corporais escondidas.



No *site*, o navegador é orientado para atravessar os múltiplos sentidos do corpo, agindo com o seu próprio pensamento, interagindo com as suas representações e seguindo os seus humores do momento. O *site* é constituído de quatro corpos humanos, corpos cujos orifícios corporais ou meios de comunicação com o mundo foram fechados artificialmente, pois é nessa interação do navegador com esses corpos fechados que a visita começa. Assim, cada orifício corporal leva o navegador a um tema específico de antropologia das aparências corporais, e, após ter escolhido o elemento que quer explorar, o navegador pode penetrar um dos treze orifícios corporais, fechado hermeticamente, e digitalmente recoberto de pele.

São 52 temas de antropologia das aparências corporais, que podem ser visitados, lendo, vendo, ouvindo as informações, consultando a bibliografia e imprimindo artigos sobre o tema escolhido. A abertura dos caminhos de navegação ou “fluidos

corporais” exige do navegador a mesma cirurgia de textos e imagens que consistiu em editar o *site*. A noção de teoria dos humores (Vincent, 1986, p. 37) de Hipócrates foi o ponto de partida da estrutura embrionária do *site*, pois essa proposição orientou as metáforas corporais de navegação e a arquitetura orgânica das informações. Como os filósofos da Antiguidade, Bachelard analisou esses elementos, mostrando que permanecem profundamente interligados às estruturas antropológicas do imaginário humano, como hormônios da imaginação.

Para Bachelard (1943), “primeiro, o homem imagina, depois ele vê, e às vezes ele se lembra”. Da imaginação à lembrança, tal seria a navegação ideal dentro do *site*, pois entre o corpo anatômico e o imaginário do corpo, entre a arte e a ciência, entre imagem-corpo, corpo-objeto e corpo-texto, o *site* tenta aproveitar as possibilidades heurísticas da escrita hipertextual, sem se esquecer de que

“a navegação na rede e o hipertexto introduzem uma conversação tátil na qual predomina a mão, e não o olhar, quando a navegação não é função de uma busca, mas da resposta a uma imagem presente. Com o desaparecimento do sentido orgânico do tato, a continuidade epidérmica olho/imagem do computador suprime a distância estética do olhar, disseminando na tela nossos olhos que en-

tram numa espécie de coma imaginário” (Senra, 2000, p. 7).

Só falta, agora, convidar o leitor deste artigo a entrar nesse “coma imaginário”, a acessar o *site* e penetrar literalmente nos corpos entreabertos do ar, do fogo, da água e da terra.

<http://opuscorpus.incubadora.fapesp.br>



## BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, G. *L'Eau et les Rêves: Essai sur L'Imagination de la Matière*. Paris, 1942.
- \_\_\_\_\_. *L'Air et les Songes: Essai sur L'Imagination du Mouvement*. Paris, Livre de Poche, 1943.
- \_\_\_\_\_. *La Psychanalyse du Feu*. Paris, Gallimard, 1954.
- \_\_\_\_\_. *La Terre et les Rêveries du Repos*. Paris, José Corti, 1962.
- LE BRETON, D. *Anthropologie du Corps et Modernité*. Paris, PUF, 1990.
- \_\_\_\_\_. *La Sociologie du Corps*. Paris, PUF, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Les Passions Ordinaires. Anthropologie des Émotions*. Paris, Armand Colin, 1997.
- MALYSSE, S. “(H)alteres-ego: Olhares Franceses nos Bastidores da Corpolatria Carioca”, in M. Goldemberg (org.). *Nus e Vestidos: Onze Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la Perception*. Paris, Tel-Gallimard, 1945.
- SAMAIN, E. (org.). *O Fotográfico*. São Paulo, Hucitec/CNPq, 1998.
- SENRA, Stela. “A Tela e a Pele”, in *Folha de S. Paulo* (caderno Mais!), São Paulo, 30/4/2000, pp. 5-9.
- VINCENT, J-D. *Biologie des Passions*. Paris, Odile Jacon, 1986.